

# Comportamentos Sexuais, de crianças, adolescentes e jovens em situação de rua<sup>1</sup>

**Eduardo de Bem, Isabel Silveira, Rita da Mata, Ana Paula Carlosso,  
Simone Paludo, Lucas Neiva.**

## **Introdução**

O objetivo deste trabalho foi investigar o comportamento sexual de crianças e adolescentes em situação de rua da cidade de Rio Grande, destacando a idade da primeira relação, a ocorrência de abuso sexual, o uso de preservativos e número de parceiros. Para Taquette e Vilhena (2008) a adolescência aparece como principal momento para o início da atividade sexual com envolvimento genital.

O Ministério da Saúde (2006) constatou que os jovens brasileiros tem iniciado a vida sexual mais cedo e mantêm um número maior de parceiros. Tal afirmação fundamenta-se nos dados que indicavam que 36% dos jovens entre 15-24 anos tinham tido mais de dez parceiros na vida e 7% mais de cinco parceiros no ultimo ano. Esses dados, quando repensados para aqueles que vivenciam situações de risco, o engajamento em comportamentos sexuais, e sexo inseguro podem ser ainda mais evidentes. Por esse motivo, é necessário identificar os comportamentos sexuais dos jovens que passam a maior parte do seu tempo na rua a fim de possibilitar a identificação de estratégias de prevenção à saúde e atenção à sexualidade cada vez mais evidente nessa população.

## **Método**

Participaram do estudo 103 crianças, adolescentes e jovens, de ambos os sexos (20,4% feminino, 79,6% masculino), com idades entre 10 e 21 anos (M=14,0; DP=2,3). Para a seleção da amostra, foi utilizado o método *Respondent-Driven Sampling* (RDS) (Heckathorn, 2002), traduzido por Amostragem Conduzida pelos Participantes. O RDS combina características do método “Bola de neve” com modelos matemáticos que permitem avaliar a confiabilidade dos dados obtidos e torna possível a realização de inferências

---

<sup>1</sup> Este trabalho é parte de um estudo maior, financiado pelo Programa Nacional de DST-Aids, do Ministério da Saúde.

sobre as características da população a partir da qual a amostra foi obtida. O participante era convidado a participar do estudo, sendo explicado os objetivos e obtido o Consentimento Livre e Esclarecido. Após a entrevista, cada participante recebia dois cupons-convite numerados, com os quais deveria recrutar dois novos participantes, recebendo incentivos tanto pela realização da entrevista estruturada como pelo recrutamento dos pares. Como critérios de inclusão foram considerados a idade e o fato de passar algum tempo na rua por dia.

## **Resultados**

Dentre os participantes, 51,5% já tiveram relação sexual, sendo que a iniciação ocorreu em média aos 12 anos de idade ( $dp=2,60$ ). Ao analisar a idade dos parceiros, verificou-se que possuíam em média 14 anos ( $dp=3,80$ ). Este dado permite afirmar que as relações ocorrem entre grupos com característica etárias semelhantes. No entanto, a distribuição da idade desses parceiros é bastante ampla, de 6 a 29 anos, fato que instiga possíveis situações de abuso sexual. Embora nenhum dos participantes tenha relatado a primeira relação sexual como uma relação forçada, 1,9% dos casos notificou a ocorrência da violência sexual em algum momento da vida. No último ano, 37,9% teve relações sexuais com parceiros fixos e 24,3% com não-fixos. Dentre os que tiveram parceiros não fixos foi identificada uma média de 5,4 parceiros no último ano, mostrando que 16 pessoas tiveram mais de dois parceiros no último ano. De acordo com o Ministério da Saúde (2004), mais de dois parceiros sexuais por ano, já se considera risco para HIV-Aids. Além disso, os participantes indicaram o mínimo de 1 e o máximo de 50 parceiros não-fixos revelando importantes fatores de risco na vida dessa população: a promiscuidade e prostituição juvenil. Considerando o risco para as DSTs e HIV percebe-se que os jovens tem uma vida sexual ativa e pouco cuidado com a saúde sexual e reprodutiva. Tal dado é confirmado pelo baixo índice no uso de preservativos. Com os parceiros fixos, 38,5% usaram sempre e 11,5% nunca usaram. Com os não-fixos, 30,8% usaram sempre e 7,7% nunca usaram.

## **Conclusão**

Os resultados reiteram a idéia de que a disponibilização de informações sobre sexualidade, no âmbito da prevenção, deve ser uma estratégia de intervenção a ser implementada com esta população. Os comportamentos de risco identificados na pesquisa, como a vida sexual precoce, o alto número de parceiros (fixos e não fixos), e ainda o não uso de preservativos configuram a vulnerabilidade da saúde sexual desses meninos e meninas em situação de risco.

### **Referências**

- MINISTÉRIO DA SAÚDE (2006). Marco teórico e referencial da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens. Brasília. Disponível em [www.portal.saude.gov.br](http://www.portal.saude.gov.br).
- TAQUETTE, Stella R.; VILHENA, Marília Mello de. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. Psicol. estud., Maringá, v. 13, n. 1, Mar. 2008 .